

A morte vem de Caruaru

04 MAI 1996

CYL GALLINDO

JORNAL DE BRASÍLIA

Costumo brincar dizendo que vou a hospital visitar amigos, e só entro em farmácia para comprar remédio para os outros.

E acrescento: eu cultivo saúde, não doenças! Isto, porém, não está nas minhas mãos, nem nas de ninguém. É sorte! E o que digo é brincadeira.

Vez por outra sou obrigado a procurar um médico, e, sem dúvida alguma, é um profissional por quem nutro muito respeito. Primeiro, o médico cuida do que temos mais sagrado, a saúde; segundo, por mais tola que seja a doença, ao procurarmos um profissional de saúde, estamos fragilizados. Somos dependentes.

Com esta mentalidade de peão, bravo, sempre fugi de médicos. Desgraça pouca é bobagem. Trato minhas dores de cabeça com sono e ervas.

Após a aposentadoria, com 38 anos de trabalhos, trabalhando mesmo, precisei, finalmente, de ir ao médico. A coluna estava arrebatada. Tirava-me o prazer de estar vivo. Toda e qualquer posição era incômoda. Não podia ficar deitado, nem em pé, nem em posição nenhuma. Amanhecia chorando e anoitecia com medo de ter que me deitar.

Procurei o escritório da Sudene, em Brasília, para autorizar minha ida a um médico. Como? Fazia dois anos que todos os planos de assistência médico-hospitalar-odontológicos haviam sido suspensos. Suspensos! A quem recorrer? Gritar para quem?

Quem suspendeu tudo foi o próprio Presidente da República, a autoridade máxima, em termos de representação do povo.

Mais de um mês depois, consegui uma consulta num hospital público, especializado no assunto. Passaram exercícios, deram-me um folheto de duas páginas e pronto. Estou tratando da coluna em casa, como Deus permite.

Dito isto, recomendo que se imagine, uma pessoa que não é jornalista, não trabalhou na Sudene nem no Senado, não contribuiu 38 anos para a previdência, e que ficou a vida inteira nos sítios plantando milho e feijão, criando uma vaquinha ou um cabrinha, ou simplesmente levou a vida como dona de casa, cuidando de marido, de filhos e netos, trabalhando de 5h00 até meia-noite, mas não contribuiu com a previdência, e quando chega na velhice, está precisando de assistência médico-hospitalar. Vai conseguir?

O quadro que pretendo pintar é mil vezes mais dramático e pior do que este que descrevi.

O ministro da Saúde, Adib Jatene, esteve aqui em Pernambuco, para constatar a realidade: 93 pessoas, todas pobres, humildes, procuraram o Instituto de Doenças Renais, IDR, de Caruaru-PE, e foram submetidas ao tratamento dos rins, com hemodiálise, - purificação do sangue, por meio de uma máquina, já que o rim não funciona. Receberam assistência, só que feita, como quem desentope pia ou esgoto, e o resultado é que foram intoxicados, mas nin-

guém sabe como nem de que e já morreram muitos pacientes. E uma das sobreviventes viticinou: "Vamos morrer todos nós. Ninguém escapa!"

Como quem está no corredor da morte, sentença dada, tudo pronto. Só falta execução.

As autoridades, os (ir)responsáveis vão saindo de frente, certos de que atrás vem mais mortes. O governo do estado declara que não tem nem participação no problema. O ministro da Saúde disse: "Tem!" E o povão morrendo.

A exemplo da educação, quando o estado detinha os melhores estabelecimentos de ensino, como o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, e o Ginásio Pernambucano, no Recife, que foram sucateados para a iniciativa privada assumir o setor, o que vemos, hoje, é a escola privatizada que só pensa em lucro, e a qualidade do ensino anda mais baixo do que poleiro de pato.

O setor Saúde vai na mesma trilha. A iniciativa privada, que pensa mais em doença do que em saúde, já que saúde não dá lucro, vai tomando conta, sem disfarce dos seus objetivos, e com facetas ridículas: ambulâncias, com sirenes abertas, em meio ao trânsito, não porque vai conduzindo alguém, mas fazendo publicidade do sistema a que pertence. A que apelar? A quem denunciar? Estamos todos fazendo hemodiálise: não escapa ninguém!

■ Cyl Gallindo é jornalista e escritor.